



Goiás velho: uma experiência para vida

Goiás Velho: una experiencia para la vida

Cláudia Campos Balioni¹

<https://orcid.org/0009-0001-2614-9642>

Welson Barbosa Santos²

<https://orcid.org/0000-0003-2695-389X>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

O presente relato aborda a vivência acadêmica em Goiás Velho, cidade histórica que revela, em suas ruas e construções, a presença viva do passado e a força da memória coletiva. A visita constituiu-se como uma experiência formativa, integrando a disciplina Tópicos de História e Filosofia no Ensino de Ciências e Matemática, ministrada pelos professores Welson Santos, Marcos Barros e Mariângela Castejon. A imersão nesse espaço possibilitou reflexões sobre identidade, cultura, resistência e a relação entre história e educação. Por meio das observações sensíveis do patrimônio material e imaterial, como as casas coloniais, os espaços culturais e as narrativas locais, foi possível compreender como ocorre o entrelaçamento do passado com o presente, sustentando a construção de valores humanos e sociais. O encontro com pessoas da região, como o “embaixador” Léo, ampliou a percepção sobre a importância da preservação da memória e do diálogo entre gerações. Foi mais que uma atividade acadêmica, a experiência nos mostrou a relevância de práticas educativas que promovam empatia, criticidade e valorização das raízes culturais brasileiras, reafirmando o papel da história como elemento essencial na formação integral de educadores e cidadãos.

Palavras-chave: memória. patrimônio histórico. educação.

Resumen

Este informe aborda la experiencia académica en Goiás Velho, una ciudad histórica que revela, en sus calles y edificios, la viva presencia del pasado y la fuerza de la memoria colectiva. La visita constituyó una experiencia formativa, que integró la disciplina Temas

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, UFU.
claudia.balioni@ufu.br

² Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Educação, Professor Adjunto IV da Universidade Federal de Uberlândia, UFU. welson.santos@ufu.br





de Historia y Filosofía en la Enseñanza de Ciencias y Matemáticas, impartida por los profesores Welson Santos, Marcos Barros y Mariângela Castejon. La inmersión en este espacio permitió reflexionar sobre la identidad, la cultura, la resistencia y la relación entre historia y educación. A través de observaciones atentas del patrimonio material e inmaterial, como casas coloniales, espacios culturales y narrativas locales, fue posible comprender cómo el pasado se entrelaza con el presente, sustentando la construcción de valores humanos y sociales. El encuentro con personas de la región, como el "embajador" Léo, amplió la percepción de la importancia de preservar la memoria y el diálogo intergeneracional. Fue más que una simple actividad académica; La experiencia nos demostró la relevancia de las prácticas educativas que promueven la empatía, el pensamiento crítico y la valoración de las raíces culturales brasileñas, reafirmando el papel de la historia como elemento esencial en el desarrollo integral de educadores y ciudadanos.

Palabras clave: memoria. patrimonio histórico. educación.

Introdução

Visitar Goiás Velho foi mais do que um simples passeio por um patrimônio histórico – um encontro com a alma de um povo, com as marcas do tempo e com a força das memórias que ainda respiram em cada rua, casa e olhar. Desde o primeiro instante, o cenário revelou uma presença viva do passado que se comunica silenciosamente com o presente

Michel Foucault (1987, p.25) nos revela que o corpo é diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre. Em Goiás Velho, cada pedra, cada voz e cada silêncio pareciam carregar essa inscrição invisível, que desvenda não apenas a nossa formação histórica, mas a persistência de sua essência em nosso presente. O lugar demonstra com delicadeza e firmeza a necessidade de reconhecer os rastros de dor, resistência e esperança que moldaram nossa existência coletiva e um passado de escravidão e medo.

Conforme Raymundo Faoro (2001), a trajetória histórica do Brasil é marcada por tensões, continuidades e permanências que moldam a formação da identidade nacional. Essa vivência foi, assim, um aprendizado eminentemente humano. O ato de caminhar por Goiás Velho revelou-se um exercício de escuta, respeito e reconhecimento: uma aula viva



sobre o tempo, o outro e sobre o nosso interior. Mais do que uma atividade acadêmica, foi um convite à empatia e à reflexão, à compreensão de que a verdadeira educação nasce do encontro entre memória e sensibilidade.

Atividades realizadas

Desde o primeiro momento em que cheguei ao local, senti algo diferente. Havia uma harmonia visual entre a paisagem e a forma como tudo estava organizado. Não era apenas um espaço bonito, mas um lugar que parecia pensado para preservar e contar uma história. Isso logo me chamou a atenção e me despertou um olhar mais sensível, disposto a observar com calma e escutar o que aquele ambiente queria dizer.

Caminhando pelas ruas, comecei a me perguntar sobre tudo o que já tinha acontecido ali. As construções, as praças, os espaços culturais... tudo parecia carregar uma memória antiga. A sensação era de estar andando por páginas vivas de um livro de história. E esse sentimento não veio apenas da aparência do lugar, mas também da atmosfera, do silêncio respeitoso e das marcas do passado que permanecem visíveis para quem quiser enxergar.

Foi impossível não refletir sobre as pessoas que viveram ali antes de mim. A história da cidade, como tantas outras no Brasil, possui raízes profundas em processos dolorosos, marcados pela exploração, escravidão e resistência. Pensei muito nos povos indígenas, nos negros trazidos à força e nas populações que foram apagadas ou esquecidas ao longo do tempo. Senti um respeito imenso por essas histórias, muitas vezes deixadas de lado, mas que estão ali, presentes em cada canto, esperando para serem reconhecidas.

Essas reflexões mexeram comigo e me vi diante de uma realidade diferente da que estou acostumada. Era uma cultura rica, com costumes, símbolos e modos de viver que pouco conhecia. No começo, confesso estranhamento nos costumes locais. Tudo era novo: o ritmo da cidade, a forma como as pessoas se relacionavam, a arquitetura das casas, até mesmo os sons e os cheiros. Foi um breve momento, mas suficiente para abrir a percepção e admirar tudo aquilo.

As casas, por exemplo, me chamaram muito a atenção. Eram simples, mas muito marcantes. Tinha algo nelas que me fazia parar e observar com mais calma. As cores



vivas, as formas irregulares, os detalhes das janelas e das portas contavam histórias próprias. Percebi que, mesmo sem muito luxo, havia ali uma beleza genuína, feita de memória, tradição e cuidado. Não era o tipo de lugar que tenta impressionar com grandiosidade, mas sim com autenticidade.

O que mais me tocou foi perceber como o passado e o presente convivem lado a lado nesse espaço. Enquanto olhava para os traços antigos das construções, via também a presença viva das pessoas que ainda habitam aquele lugar. Gente simples, que vive com dignidade e que, mesmo diante das dificuldades, mantém viva a cultura local. Essa convivência entre o antigo e o novo me fez pensar em como precisamos valorizar o que já foi, sem deixar de olhar para o que ainda está por vir.

Durante essa vivência, aprendi muito. E não falo apenas de conhecimento histórico ou cultural, mas de um aprendizado mais interno, mais humanizado. Aprendi a escutar com mais atenção, a observar com mais sensibilidade e a respeitar histórias que não são as minhas, mas que fazem parte da construção do nosso país. Foi uma experiência que me transformou, mesmo que de forma sutil. Abriu meus olhos para realidades que muitas vezes passam despercebidas na correria do dia a dia.

Contudo, percebi o quanto a relação entre o 'eu' e os espaços históricos possui um profundo poder transformador. Caminhar pelas ruas onde tantas vidas se cruzaram ao longo do tempo, me fez repensar a forma como vejo o mundo. A sensação foi de que precisamos desacelerar, sentir o entorno, e reconhecer o valor dos lugares simples, mas cheios de sentido.

Essa experiência fez parte da conclusão da disciplina Tópicos de História e Filosofia no Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ministrada pelo professor Welson Barbosa Santos³. Também tivemos aulas muito

³ Welson Barbosa Santos é professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutor em Educação pela UFSCar e pós-doutor pela UNESP, coordena o Laboratório de Ensino (LAEN) e o grupo de pesquisa GPMECES, atuando nas áreas de formação docente, ensino de ciências, masculinidades, subjetividades e vulnerabilidades sociais.



significativas com os professores Marcos Barros⁴ e Mariângela Castejon⁵, que trouxeram contribuições valiosas e ampliaram ainda mais nossa visão sobre o tema. Cada um, com sua abordagem, nos ajudou a entender como a história e a filosofia não estão separadas das ciências e da matemática, mas sim conectadas à formação crítica dos estudantes e, ainda, fomos agraciados pela presença de uma jovem graciosa e gentil que participava das atividades a tão prestativa Priscila Pires⁶ que filmava e tirava fotos incríveis.

Mais do que cumprir uma atividade acadêmica, a imersão foi uma oportunidade real de conexão entre teoria e prática. Pude entender na prática como o conhecimento histórico, cultural e filosófico está diretamente ligado ao nosso processo de ensino e aprendizagem. Especialmente em tempos em que o ensino corre o risco de se tornar apenas técnico, essa experiência mostrou a importância de uma educação que forme sujeitos conscientes, atentos ao seu tempo, ao seu espaço e à sua responsabilidade social.

Voltei com a certeza de que precisamos conhecer melhor o nosso próprio país. Há tantas cidades pequenas, tantos espaços históricos, tantas culturas vivas que merecem ser visitadas, respeitadas e valorizadas. Quando abrimos espaço para esse tipo de experiência, ganhamos muito mais do que conhecimento: ganhamos empatia, respeito e um olhar mais humano sobre o mundo. E é esse olhar que, como futuros educadores, devemos levar para dentro da sala de aula.

Senti um entusiasmo genuíno ao perceber as escritas nas paredes, os poemas expostos e a forma como tudo estava organizado me deixaram curiosa. Cada coisa parecia ter um motivo para estar ali, como se contasse um pedaço da história do lugar. Não era apenas bonito, era interessante de verdade.

⁴ Marcos Barros é professor no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Ensino das Ciências e pós-doutor pelo *King's College London*, pesquisa metodologias de aprendizagem sensível, pedagogias decoloniais e tecnologias digitais, com foco em práticas inclusivas e antirracistas na formação docente.

⁵ Mariângela Castejon é doutora em Educação pela UFSCar. Atua com ênfase nas relações entre educação, cultura e subjetividades. Possui ampla experiência na docência e, atualmente, é revisora de textos e coordenadora da Editora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM).

⁶ Priscila Pires é arquiteta e urbanista pela Pontifícia Católica de Goiás- PUC-GO, especialista em docência do ensino superior e mestre pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com pesquisa em planejamento urbano, comportamento social e arte.



A cada instante, era possível sentir a harmonia entre o espaço organizado e o cenário ao redor, o que despertou em mim uma série de indagações e aguçou minha sensibilidade. O peso do passado, marcado pela dor, pelo silêncio e pela violência, fez-me refletir sobre a trajetória dos povos indígenas, dos negros e dos tantos outros que construíram, com resistência, a memória viva dessa cidade tão rica em cultura.

Em muitos momentos, não foram apenas os desafios físicos do caminho que me atravessaram, mas principalmente os que carregou há tempos. Foram desafios pessoais também. Há 18 anos, passei por uma cirurgia bariátrica que transformou minha relação com o alimento e com o corpo. Desde então, convivo com dificuldades para me alimentar, episódios de fraqueza e o medo constante de enfrentar um *dumping* longe de quem possa me amparar. Nos últimos anos, ainda lido com crises de ansiedade e pânico, o que torna delicada a vivência de estar só, especialmente longe de casa.

Essa viagem representou, um enfrentamento de medos muito concretos: o receio de uma síncope, o temor de uma crise inesperada ou a angústia de estar sem amparo caso o corpo falhasse. Sentia-me só e vulnerável, distante da família e da minha casa, o único refúgio onde estou habituada a acolher os momentos de fragilidade na saúde. Sempre vivi em função de resolver e fazer algo por alguém; estar ali, pela primeira vez, enfrentando tudo por mim mesma, trouxe à tona uma vulnerabilidade que eu raramente me permito sentir. Foi um divisor de águas, um choque entre a minha zona de conforto e a minha necessidade de superação.

Ainda assim, as aulas, dinâmicas e profundamente humanas, encantaram-me pela autenticidade e simplicidade, proporcionando momentos de tranquilidade, reflexão e aprendizado. Entre a exaustão e a coragem, entre a solidão e o reencontro comigo mesma, descobri forças que eu não imaginava possuir. Descobri também amizades valiosas, presenças que, mesmo sem saber, tornaram meus dias mais leves e deixaram memórias que guardo com carinho. Cada vivência fortaleceu não apenas meu conhecimento histórico e cultural, mas também minha resiliência, minha capacidade de empatia e minha compreensão mais profunda sobre o valor do outro, e sobre o meu próprio valor.

Nessa perspectiva, conhecer a história de um povo e de uma cidade como Goiás Velho, com sua memória preservada, seus verdes intensos, sua luz presente, tornou-se, para mim, muito mais que um passeio: foi um ato de reconhecimento, de pertencimento



e de expansão humana. Para aqueles que compreendem que passado, presente e futuro se entrelaçam no mesmo fio da existência, essa experiência é uma realização profunda, um enriquecimento pessoal e humano incomparável.

ALGUNS LUGARES MARCANTES

Enquanto caminhávamos pelo conjunto arquitetônico de Goiás, encontramos um morador muito conhecido, chamado Léo, embaixador da cidade. Ele nos recebeu com simpatia e nos convidou a conhecer sua casa, em uma visita repleta de descobertas e histórias. Durante o passeio, contou-nos narrativas sobre Dom João V⁷, Maria I⁸, a chamada Maria Louca, e outras figuras marcantes da época. Com entusiasmo contagiante, mostrava cada móvel, cada objeto, conectando-os ao período histórico ao qual pertenciam.

A conservação do porão, os jardins, a cozinha, as louças antigas, os móveis raros eram deslumbrantes. Tudo parecia suspenso no tempo, como se as pessoas que ali viveram ainda transitassem por aqueles espaços. Foi uma experiência envolvente, capaz de nos transportar pela história e nos permitir sentir de perto a riqueza cultural e o compromisso com a preservação da memória de Goiás.

VISITA AO COLÉGIO SANTANA: UM LUGAR QUE CARREGA MEMÓRIAS

Durante a visita ao Colégio Sant'Ana, fui tomada por sensação sem explicação, é como se penetrasse num lugar entre o visível e oculto. Um silêncio dos corredores, uma atmosfera estilo mistério e as paredes marcadas pelo tempo. A escola nada mais era do que, uma folha marcada pelo tempo. Ali entre fantasmas e reais, lembrança e presença guardava sonhos e realizações.

Essa impressão me acompanhou por todo o percurso. Não era medo, mas um respeito silencioso por tudo o que aquele lugar já viveu. A escola tem uma aparência que

⁷ João V (1689–1750), O Magnânimo e O Rei-Sol Português, reinou em Portugal de 1706 a 1750. Se empenhou em colocar Portugal como potência internacional por meio de alianças, obras monumentais e missões diplomáticas. Enviou embaixadas a potências europeias e enfrentou disputas com a Santa Sé, além de incentivar as artes e a cultura, porém não conseguiu grandes avanços na indústria nacional.

⁸ Maria I (1734–1816), A Piedosa e mais tarde A Louca, foi a primeira mulher a governar Portugal como rainha reinante, de 1777 até o início do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves em 1815. Era filha de José I e neta de João V, e seu marido, D. Pedro III, foi o primeiro rei consorte de Portugal.



denuncia o tempo: pisos gastos, portas antigas, janelas com madeira envelhecida. Ao mesmo tempo, tudo isso trazia um charme próprio, como se cada detalhe fosse um pedaço de história conservado. Era fácil imaginar as incontáveis gerações de estudantes e professores que ali viveram e as mudanças testemunhadas. Os espaços escolares, portanto, são mais do que meras estruturas físicas; são repositórios vivos de memória e identidade.

Ao sair do Colégio Sant'Ana, levei comigo a sensação de ter tocado, mesmo que de forma breve, uma parte importante da história da educação em nosso país. A visita foi mais uma experiência que contribuiu para minha formação, me fazendo enxergar com mais sensibilidade a importância de preservar, valorizar e compreender os espaços que fazem parte da construção do saber.

VISITA À CASA DE CORA CORALINA

A visita à Casa de Cora Coralina, localizada na Cidade de Goiás-GO, é uma imersão no universo simples, poético e profundamente humano dessa grande escritora brasileira. Foi nesta residência que a notável poetisa viveu grande parte de sua vida.

A cozinha e os tachos de doces

Um dos pontos mais marcantes da visita é a cozinha, onde estão expostos os tachos de cobre que ela usava para fazer os famosos doces que vendia para sustentar sua família. É como se ainda fosse possível sentir o cheiro do doce no ar. Os utensílios são simples, mas carregam histórias, mostram um dos lados da poetisa.

O pomar e a natureza ao redor

No quintal, há um pequeno pomar onde Cora costumava colher frutas para fazer seus doces. O contato com a natureza era parte fundamental de sua rotina e também de sua inspiração poética. Árvores frutíferas, flores e o som do rio completam esse ambiente sereno e vivo.

Vestuário e vida pessoal

As roupas que Cora usava também estão em exposição. Vestidos simples, sapatos surrados e até seu inseparável lenço revelam sua identidade e autenticidade. Há também fotos com celebridades e políticos, como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e outros intelectuais, que demonstram seu prestígio nacional.



Os poemas e o porão de maria grampinho

Alguns dos poemas de Cora Coralina estão espalhados pela casa, manuscritos ou impressos, trazendo reflexões sobre a vida, o tempo, a infância e a mulher do interior.

Um espaço que intriga e emociona é o porão onde viveu Maria Grampinho – uma mulher simples e solitária que dividia o espaço com a família de Cora. Pouco se sabe sobre ela, mas a visita ao porão revela as condições humildes e isoladas em que vivia. É um ponto silencioso e de respeito dentro da casa, lembrando as muitas vidas anônimas que cruzaram a história do lugar.

A BELEZA DA RUA DOM CÂNDIDO

Saindo do casarão de Cora, é possível notar a beleza da rua, com seu calçamento de pedras irregulares, as casas coloniais que se tornaram pontos de vendas de doces e artesanatos locais e a vista do belo Rio Vermelho. A paisagem histórica perfeita para causar o deslumbre, lugar de festa, cultura e patrimônio internacional. Um cenário de poesia – e aqui não me resta dúvida: inspirou muitos dos versos de Cora Coralina, que transformava a rotina de vida dali, em literatura.

AULA REFLEXIVA

O professor Marcos Barros iniciou a aula com uma abordagem inovadora, propondo um momento reflexivo de massagens nos pés para ser realizada em duplas. A atmosfera estava preparada com música suave e iluminação relaxante, criando um ambiente propício para a atividade.

O professor Marcos Barros pediu que sentássemos um de frente o outro e, com creme produzido com essências criadas pelos alunos na aula anterior, massageássemos os pés um do outro. Essa atividade destaca a importância do toque e da pressão para aliviar tensões e promover relaxamento, compartilhar as sensações e experiências durante a atividade, relatando alívio de tensão e sensação de calma.

A aula do professor Marcos Barros foi uma experiência que se destacou para a importância do cuidado pessoal e do bem-estar físico e emocional. Nós nos sentimos relaxadas(os) ao final da atividade.



MOMENTOS DE DESCONTRAÇÃO

Nesse dia, fomos para uma pizzaria e viver momentos de leveza, risos e descontração. É como se o dia tivesse sido cuidadosamente dividido entre o afeto da memória e a alegria do presente.

A conversa solta, o cheiro da pizza recém-saída do forno, o barulho das risadas misturado ao tilintar dos copos, tudo isso faz parte do que torna uma viagem ou passeio especial: são os pequenos momentos que criam as grandes lembranças.

VISITA À CADEIA

Visitar a antiga cadeia de Goiás Velho foi uma experiência que me marcou profundamente. Ao entrar naquele lugar, senti um peso diferente, como se as paredes ainda guardassem as vozes e o sofrimento de quem passou por ali. O espaço é pequeno, escuro e frio. Fiquei imaginando como era possível que mais de 120 pessoas fossem colocadas ali, praticamente amontoadas, sem qualquer conforto ou dignidade.

O chão de pedra gelado, parecia contar histórias de dor e abandono. Num canto, uma escada estreita subia para o exterior. Pude avistar o que era chamado de calabouço: um lugar onde os presos eram jogados, sem luz e sem ar, com apenas uma pequena grade pela qual recebiam comida. Era difícil acreditar que seres humanos foram submetidos a algo tão cruel.

Impossível a gente não contorcer em tristeza e revolta. A história daquela prisão carrega cicatrizes irreparáveis do sofrimento e da punição infligida aos povos escravizados. Com o excesso da carga emocional, sair dali foi como se a liberdade e a respiração retornassem à consciência. Fiquei pensando em como o tempo passa, mas certas marcas da nossa história continuam ecoando, lembrando-nos da importância de valorizar a dignidade humana acima de tudo.

VISITA A MARIA LUIZA DAS RAÍZES

Quando estive na Dona Maria das Raízes, vivi uma experiência muito rica e cheia de aprendizados. Lá, pude perceber uma sabedoria antiga, profundamente enraizada nas tradições das comunidades locais, indígenas, quilombolas e tantas outras, que buscam o cuidado e o equilíbrio a partir da natureza. É um espaço onde o conhecimento tradicional



se une à força comunitária, e isso se manifesta em diversas formas, como nas cooperativas que produzem e vendem doces, fortalecendo a economia local e a solidariedade entre as pessoas.

Foi um momento de grande conexão cultural e humana. Em meio a tudo isso, um detalhe me marcou especialmente: ao observar uma das fotos tiradas no local, vi o rosto de uma mulher com uma semelhança notável comigo, como se fosse uma versão minha daqui a quinze anos. Essa coincidência me surpreendeu e até me assustou um pouco. Quando mostrei as fotos a terceiros, a impressão da semelhança foi unânime. Essa experiência me levou a refletir profundamente sobre o tempo, a ancestralidade e o quanto, de alguma forma, estamos ligados às histórias e aos rostos que encontramos pelo caminho.

VISITA ÀS IGREJAS E MUSEUS

Nos devaneios pela cidade, conhecemos igrejas que me chamaram atenção pelos seus detalhes e pelo estilo barroco. Cada traço, cada escultura e pintura parecia contar um pedaço da história e da fé de um povo de mais de cem, duzentos anos atrás. Fiquei impressionada com o cuidado e a devoção que existiam em cada parte daquele lugar.

Além da igreja, visitei alguns museus e me encantei com tudo o que vi. Eram objetos, obras e lembranças que revelavam modos de vida tão diferentes dos de hoje. Estar ali me trouxe uma sensação de paz, de tranquilidade. Enquanto observava tudo, percebia que o tempo realmente passa, mas a história permanece e, de certo modo, ela nos ajuda a entender o presente e o caminho que seguimos.

VISITAS À COMUNIDADE QUILOMBOLA

Visitamos a comunidade quilombola da Cidade de Goiás. Para conhecer o local, fomos guiados por Fernanda, que nos explicou seu funcionamento. Aprendemos que os terrenos são chamados de ‘parcelas’ e que muitas senhoras produzem lindos artesanatos de barro, mantendo viva a cultura e a tradição. Além disso, elas também fazem e vendem doces, demonstrando como o trabalho manual e a cooperação sustentam aquele modo de vida.

Aprendi muito sobre a história de luta e esforço das pessoas dali. Relataram que, ao longo do tempo, a comunidade conquistou melhorias significativas nas casas. No



entanto, ainda aguardam a documentação que garante o direito definitivo das ‘parcelas’ aos clãs quilombolas que ali vivem, um reconhecimento que é símbolo de justiça e resistência.

Conheci também dona Didi, uma senhora de 75 anos, cuja história nos emocionou profundamente. Ela contou sobre os tempos difíceis, marcados por humilhações e sofrimento. Em determinado momento, ela chorou e todos nós ficamos comovidos. Foi um encontro muito forte e importante, que nos fez compreender, de forma humana e sensível, o quanto o povo quilombola lutou, e ainda luta, por dignidade, respeito e pertencimento.

VISITA AO BACALHAU

Na visita à comunidade do Bacalhau, pude conhecer um lugar cheio de história e tradição. É uma comunidade onde hoje vivem apenas os caseiros, que cuidam das casas e do espaço com muito zelo. O professor Welson nos contou que, nos finais de semana e em datas festivas, os antigos moradores e suas famílias retornam para lá. Nesses momentos, o Bacalhau ganha vida: acontecem festas, casamentos e celebrações que mantêm viva a cultura antiga e as memórias do lugar.

Também visitamos outras regiões próximas e o professor explicou como se deram os processos de construção dessas novas áreas. Foi interessante perceber como o tempo transformou o espaço e que, de alguma forma, as tradições continuam preservadas. Essa visita me fez entender o valor de cada comunidade e o quanto elas representam a força da memória e da identidade do povo goiano.

MOMENTOS DE REFLEXÃO

Momentos de trocas foram ocorrendo ao longa da experiência fora da sala de aula. Uma delas aconteceu na Praça do Chafariz. Lá, o professor nos propôs uma atividade criativa: produzir perfumes naturais. Ele utilizou óleos essenciais, como o de copaíba, lavanda e essências cítricas, e pediu que cada pessoa contribuísse com uma gota, criando juntos três fragrâncias diferentes. No fim, o perfume coletivo simbolizava a união de todos nós.



Encerramos essa vivência com a partilha de bolo de arroz e laranjas, alimentos típicos da região. Foi um instante de alegria e pertencimento, em que pudemos sentir o sabor e o perfume da cultura goiana de forma viva e afetiva.

Em outro momento, na última noite, a aula e a imersão cultural irromperam com a chegada da noite e a construção do fazer manual: o preparo da massa do macarrão artesanal, feito com trigo e ovos. Enquanto cozinhávamos, valorizamos os costumes e as culturas antigas, compartilhando saberes e experiências. Cada pessoa colocava um pouco de si naquele processo, no modo de amassar a massa, de temperar o molho com ervas da região, de contar o que havia vivido durante o dia. Foi uma vivência simples, mas muito significativa, que uniu aprendizado, convivência e afeto. O professor Marcos Barros conduziu esse momento de forma sensível, promovendo reflexões sobre o valor das tradições e da cultura.

O MERCADÃO

O Mercadão foi o lugar no qual almoçamos todos os dias durante a viagem. A comida era deliciosa, feita com muito carinho por uma senhora de jeito tranquilo e acolhedor. O atendimento era sempre atencioso e o sabor das refeições refletia o cuidado de quem cozinha com amor. Ali pude experimentar pratos típicos de Goiás, como o pequi, além de outras comidas caseiras e muito saborosas.

Algumas refeições fazíamos nas ruas, outras na casa onde estávamos hospedados. Quando cozinhávamos juntos, o momento se tornava ainda mais especial. O café da manhã, por exemplo, era sempre cheio de risadas, conversas e companheirismo. Havia uma atmosfera leve e harmoniosa, que nos deixava prontos para seguir com as atividades do dia. Tudo era simples, tranquilo e muito gostoso.

AS ACOMODAÇÕES

Eu dormi em um dos bangalôs, com quarto, banheiro e uma cama de casal. Como as acomodações eram compartilhadas, acabei dividindo o quarto com minha amiga Kátia, com quem criei um vínculo muito especial. Tivemos momentos muito agradáveis, conversávamos sobre o que havíamos visto e aprendido durante o dia, trocávamos ideias e ríamos antes de dormir.



É claro que havia alguns desafios – os pernilongos enormes e um ventilador pequeno que mal dava conta do calor intenso de Goiás. Mesmo assim, nada disso atrapalhou a experiência. Pelo contrário, tudo fazia parte da vivência, do encanto e da simplicidade do lugar. Foi um tempo de aprendizado, convivência e alegria. Apesar do calor, a sensação que ficou foi de gratidão e de ter vivido esse momento.

Enfim, conhecemos muitos lugares durante essa vivência, alguns que sequer cheguei a detalhar, mas que foram profundamente significativos. Cada espaço trazia um pedaço da história e da cultura do povo goiano: do quilombola ao indígena, do artesão ao morador local. Visitamos lojas com peças de artesanato lindas, carregadas de simbolismo e tradição. Trouxe algumas lembrancinhas para minha família, com o carinho de quem deseja compartilhar um pouco da experiência vivida.

Ao final, percebi o quanto a imersão foi importante. Ela nos permitiu aprender de forma viva, concreta, quase tocando a história com as próprias mãos. Tivemos também a oportunidade de conhecer o hospital e compreender questões históricas, como a diferença entre o hospital e a antiga Casa de Misericórdia, o que ampliou nossa visão sobre os modos de cuidar e tratar ao longo do tempo.

Em outro momento, o professor Welson nos conduziu a uma aula muito interessante, mostrando o funcionamento das câmeras e explicando a importância da observação, dos conceitos e das relações entre a biologia e as ciências da saúde. Cada aprendizado, cada vivência, acrescentou algo novo e valioso.

Considerações finais

Concluo esse relato de experiência como se um filme passasse pelos meus olhos. Cada espaço visitado, cada história contada e cada olhar trocado deixaram marcas profundas de aprendizado e sensibilidade. Foi mais do que conhecer um patrimônio, foi reconhecer o valor das pessoas, das memórias e das culturas que sustentam nossa identidade.

Compreendi que o verdadeiro conhecimento não está apenas nos livros, mas também nos lugares, nas vozes e nos gestos simples do cotidiano. Assim como Foucault



(1987) nos convida a olhar para o saber que nasce da experiência, percebi que aprender é também sentir, escutar e respeitar.

Volto dessa jornada mais consciente da importância de preservar o que somos, de valorizar o que temos e de ensinar com o coração aberto. Goiás Velho me ensinou que a educação, quando atravessada pela humanidade, é capaz de transformar não apenas mentes, mas também olhares e afetos.

Referências

FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Globo, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2. ed. ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.